

Ameaça ao PLANETA é desafio GLOBAL

Sem consenso, representantes de 184 países se reúnem em busca de soluções comuns para dirimir os efeitos da poluição causada pelo plástico no mundo. Em Genebra, as delegações esbarram em resistências para o tratado internacional

» RENATA GIRALDI

Diante do impasse e do desafio global de se buscar uma solução para a crescente poluição causada pelos plásticos, representantes de 184 países começaram ontem, em Genebra, na Suíça, na sede das Nações Unidas, as negociações em busca de um acordo. A ideia é definir, em 10 dias, o primeiro tratado mundial para controlar o problema e resguardar o planeta. O presidente do comitê de negociação, Luis Vayas Valdivieso, colocou os Estados diante da responsabilidade: “A poluição por plásticos está danificando os ecossistemas, contaminando nossos oceanos e rios, ameaçando a biodiversidade, prejudicando a saúde humana e afetando de forma injusta os mais vulneráveis. A responsabilidade recai sobre nós”.

Para Alexander Turra, membro da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza (REC�), professor titular do Instituto Oceanográfico da USP e responsável pela Cátedra Unesco para a Sustentabilidade do Oceano, o momento é agora, não será possível aguardar mais três anos. “É fundamental que esse processo seja finalizado agora, para poder então entrar numa outra fase e que vai permitir com que elementos que não foram bem trabalhados agora possam ser posteriormente.”

Há três anos em discussão, o texto “juridicamente vinculante” para os Estados “não será alcançado automaticamente”, advertiu Vayas Valdivieso, ao receber os delegados de mais de 600 ONGs. Os debates ocorrem em meio a intensas tensões geopolíticas e comerciais, a sessão adicional de negociações, denominada INC-5.2, convocados após o fracasso de uma rodada organizada em dezembro em Busan, na Coreia do Sul. Um grupo de países produtores de petróleo bloqueou na, ocasião, qualquer avanço.

A diretora executiva do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), Inger Andersen, que organiza a reunião, admite que há dificuldades, mas está otimista. “A maioria dos países com que conversei disse que vem a Genebra para chegar a um acordo”, acrescentou. “Vai ser fácil? Não. Vai ser simples? Não. É complexo? Sim. Há um caminho para chegar a um tratado? Absolutamente”, acrescentou a diplomata experiente, com ampla vivência em negociações ambientais complexas. Ela destacou que está “determinada” a alcançar um acordo.

AFP



Trabalhador separa material plástico reciclável nos arredores de Cabul, no Afeganistão. A poluição mundial estimada é de R\$ 8,2 trilhões

Duas perguntas para

MICHEL SANTOS, gerente de Políticas Públicas do WWF-Brasil

Qual a perspectiva para essas discussões?

As expectativas são altas — e precisam ser. O mundo não pode mais adiar uma resposta robusta à crise da poluição plástica. O que está em jogo no INC-5.2 é mais do que um texto: é a credibilidade do sistema multilateral e a possibilidade real de proteger a saúde das pessoas, dos oceanos e da biodiversidade. A maioria dos países já expressou apoio a um tratado forte, com regras globais

obrigatórias* que regulem a produção, o design e o uso do plástico ao longo de todo o seu ciclo de vida. Empresas e a sociedade civil também estão engajadas. O que falta é transformar essa vontade política em decisão. É possível termos um tratado internacional até o fim de 2025, mas apenas se os países deixarem de lado a ilusão do consenso a qualquer custo e agirem

Divulgação



com coragem para adotar um acordo ambicioso, mesmo que isso exija votar ou formar uma coalizão disposta a avançar.

Do contrário, o que se pode esperar?

Se não houver acordo agora, o custo será alto. A cada ano de inação, mais de 12 milhões de toneladas de plástico vão parar nos oceanos, contaminando ecossistemas, alimentos e

até nossos corpos. O risco é transformarmos um momento de esperança em uma oportunidade perdida, com impactos irreversíveis. Se o tratado não for adotado, esperamos que a maioria ambiciosa não recue, que os países dispostos avancem com um texto forte, mesmo fora do processo atual, levando-o à Assembleia Geral da ONU ou a uma conferência diplomática independente. O que não podemos aceitar é um tratado fraco, baseado apenas em medidas voluntárias, que repita os erros do passado. O mundo precisa — e quer — um tratado com força para mudar o sistema. E é para isso que estamos aqui. (RG)

Palavra de especialista

Brasil é exceção

Divulgação



Nos últimos meses várias reflexões ocorreram e nós temos também a possibilidade de ver ações sendo executadas, planejadas e tratadas. Então, entendo que se chegará um resultado final, ainda que não seja o ideal. É importante que se trate e estabeleça o processo de implementação dele, de ratificação e construção de instrumentos. Aí, talvez, seja possível apaziguar algumas das arestas. A expectativa é que o processo seja concluído, considerando as ambições trazidas, inicialmente, em relação a se ter um instrumento que efetivamente racionalize o uso do plástico na sociedade. É fundamental que se fortaleça o entendimento da responsabilidade estendida do produtor e isso deve formar toda a cadeia de valor numa discussão estruturada, sistêmica e integrada para se reverter este cenário que a gente vê hoje de poluição ambiental por plásticos incluindo o ambiente marinho. O Brasil vem dialogando com esse movimento desde a sua origem e tem como uma proposta de decreto a Estratégia Nacional Oceano Sem Plástico, que foi construída com base numa série de diálogos com diferentes atores da sociedade, internalizando princípios que já vêm sendo trabalhados no âmbito do Tratado Internacional. Mas o Brasil é uma exceção, e vem sendo um grande protagonista nessa temática. Então, minha expectativa é que esse processo se consolide como um tratado ambicioso.

ALEXANDER TURRA, membro da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza (REC�) e professor da Universidade de São Paulo (USP)

MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Altas temperaturas afetam dieta animal

Há cerca de 56 milhões de anos, quando a Terra experimentou um aumento drástico nas temperaturas globais, um mamífero carnívoro respondeu de uma forma surpreendente: começou a comer mais ossos. É o que observou a equipe de pesquisadores liderada pela Rutgers, cujo estudo recente de dentes fósseis do predador extinto *Dissacus praenuntius* revela como os animais se adaptaram a um período de mudanças climáticas extremas conhecido como Máximo Térmico Paleoceno-Eoceno (MTEP). As revelações estão

no periódico *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*.

O antigo onívoro tinha aproximadamente o tamanho de um chocal ou um coio e provavelmente consumia uma mistura de carne e outras fontes de alimento, como frutas e insetos. Os dentes lembravam os de hienas e tinham cascos minúsculos em cada dente. Antes desse período de aumento das temperaturas, o *Dissacus* tinha uma dieta semelhante à dos guepardos modernos, consumindo principalmente carne dura. Mas, durante e após esse período antigo, seus dentes mostraram

sinas de trituração de materiais mais duros, como ossos.

Com esse resultado, os pesquisadores esperam prever como a vida selvagem atual responderá ao aquecimento global moderno. “O que aconteceu reflete em grande parte o que ocorre hoje e o que haverá no futuro”, disse Andrew Schwartz, doutorando do Departamento de Antropologia da Escola de Artes e Ciências, que liderou a pesquisa. “Estamos observando os mesmos padrões. Os níveis de dióxido de carbono estão subindo, as temperaturas estão mais altas e os ecossistemas estão sendo afetados.”

equipamentos médicos estéreis, máscaras cirúrgicas, tubos, embalgens, entre outros elementos, que permitem melhorar a higiene e a segurança alimentar.

Um argumento pouco apreciado pelas organizações não governamentais. “Nossa prioridade é conseguir reduzir a produção de plástico”, acrescentou Seema Prabhu, da ONG suíça Trash Hero World, que atua principalmente

em países do sudeste asiático, como Tailândia, Vietnã, Indonésia e Malásia. “Há muitas fábricas petroquímicas e de plástico nesses países e, portanto, muitos postos de trabalho que dependem delas. Por isso, defendemos uma transição justa com a criação de emprego na reutilização, reciclagem e coleta de resíduos”, acrescentou.

Mais de 100 países defendem a redução global da produção

de plástico e a eliminação gradual de certos produtos químicos e plásticos de uso único. Mas nações com grandes indústrias de combustíveis fósseis — como Arábia Saudita, China, Rússia e Irã — se opõem às restrições e pressionam por um tratado focado apenas na gestão e na reciclagem de resíduos. Os Estados Unidos indicaram apoio a uma versão menos ambiciosa do acordo.



Escola de Artes e Ciências

Dissacus praenuntius era como coio e passou a triturar os ossos dos animais, e não apenas a carne

como o seu podem oferecer lições práticas para hoje e para o futuro. Animais com dietas resistentes, como pandas, podem ter

dificuldades com a redução de seus hábitos. Mas espécies adaptáveis, como chacais ou guaxinins, podem se sair melhor.